JORGE DE LIMA

Auto-retrato

Nasci em União, no Estado de Alagoas, a 23 de abril de 1893. Estudei no Instituto Alagoano, dos irmãos Aristeu e Goulart de Andrade, no Colégio Diocesano e no Liceu Alagoano. Formei-me aos vinte anos, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Acontece que comecei a fazer versos segundo as formas consideradas parnasianas, e um desses sonetos, “O Acendedor de Lampiões”, entrou para as antologias e ficou fazendo concorrência à minha verdadeira poesia. Com o Modernismo, espíritos imaginosos inventaram mitos sobre minha “conversão”, subestimando o fato de que o processamento lírico me levaria até uma norma poética mais livre e ampla. Foi aí que nasceu “Essa Negra Fulô” e outros poemas de temática nativa. Em seguida, colaborei com Murilo Mendes na restauração da Poesia em Cristo. Não faltaram as incompreensões e as molecagens intelectuais que ainda continuam em moda no Brasil. Escrevi sempre o que desejei escrever, e se hoje me dedico a outras tentativas de arte, não é porque ache bonito ser romancista ou pintor, mas porque estas necessidades de vidência se impuseram dentro de mim, chegando a constituir uma condição essencial de minha vida total, verdadeira, absoluta.

Muitos me chamam de diletante: acho que o artista tem a sua realidade própria, e não está sujeito a nenhuma exigência superior. Não faço o que poderia agradar aos outros, mas o que nasce em mim e luta para se libertar de minha sensibilidade, sem ligar a qualquer espécie de chatos.

Aliás, parece que o que há, no Brasil, com os escritores, é um inexplicável medo de ser “eles mesmos”, sem premeditações nem compromissos. Muitos são os espécimes de homens de letras que traem a si mesmos, não tendo coragem de enfrentar a crítica, preferindo realizar coisas impessoais e informes.

Há poetas que fazem da poesia um acontecimento lógico, um exercício escolar, uma atividade dialética. Para mim, a Poesia será sempre uma revelação de Deus, dom, gratuidade, transcendência, vocação. Longe de mim o egoísmo de dizer que sou poeta porque nasci poeta.

Minha bagagem literária anda espalhada, há livros meus traduzidos, poemas musicados em outros países da América. Há produções que muito me agradam, e fazem com que lhes dedique um amor de cego, como *A Mulher Obscura*, *Calunga*, *A Túnica Inconsútil*, *O Anjo* e os *Poemas Escolhidos*. Dentro de poucos dias, sairá a *Poesia em Pânico*, livro de fotomontagens, que, me parece, é a primeira tentativa nesse sentido, feita na América. Tenho um romance inédito, uma peça de teatro; e em Portugal será lançado, brevemente, meu poema cíclico *Mira-Celi*.

É verdade que, lendo este auto-retrato, muitos pensarão que não estou fazendo um auto-retrato, mas um resumo bibliográfico. Engano. A vida, para mim, vale pela sua solidariedade com a minha arte. Um poema é um acontecimento muito maior que uma distinção oficial, pois *Mira-Celi* e os seres que vivem nos meus versos, realmente existem, como qualquer indivíduo do múnio animado.

Há quem me acuse de não compreender a missão social do escritor, nos dias de hoje, em que as forças da opressão pretendem sufocar a liberdade e os direitos humanos. Há nisto outro engano. Meus poemas, o romance *Calunga*, *A Túnica Inconsútil*, finalmente toda a minha obra literária, é social, porque nela eu falo do homem, de sua presença no mundo, de suas lutas e sofrimentos, de suas inquietações e de seus desejos. Aliás, ninguém pode fazer um romance dizendo de início: "Vou já, já escrever um romance social". Puro engano. O romance é que emerge social, revolucionário, católico, etc. impresentidamente, como se revelasse ao escritor sua alma grafada em letra de fôrma. Bernanos, por exemplo, acha que não sou um poeta católico, o que para mim foi uma surpresa. Vi depois que ele tinha razão.

Um auto-retrato, para uma revista literária, não pode revelar nenhuma fidelidade de espelho; no mínimo conterà acontecimentos e opiniões dispersas, principalmente para quem é, de há muito, vítima de toda sorte de pergunta jornalística. Aliás, nem tudo pode ser dito e observado jornalisticamente. Murilo Mendes, um poeta raríssimo, exemplar, que vive poeticamente desde que nasceu, a mais explosiva reserva de poesia que já conheci, observado por cronista ou redator seria, no máximo, um sujeito muito interessante. Entretanto, cotidianamente, ele é a mais absoluta negação do cotidiano, vive jogado constantemente em uma invulgar atmosfera de poesia pura, e há mesmo quem o considere louco varrido. Portanto, mostrei apenas fragmentos de espelho, para satisfazer a pedidos. Procurei dar-lhes um tom de sinceridade, um tanto de defesa da insignificante imagem *floue, fluante*.

(in *Leitura*, 4, Rio de Janeiro, março 1943)